



MAÇAMBIQUE

DE OSÓRIO



**Organização**

Álvaro Luiz Heidrich  
Museu UFRGS



MAÇAMBIQUE

DE OSÓRIO

---

Maçambique de Osório / catálogo da exposição organizado por Álvaro Luiz Heidrich e Museu da UFRGS – Porto Alegre: UFRGS, 2013.

64 p.: il., fots. (Série catálogos das exposições, 3)

Exposição itinerante realizada pelo Museu da UFRGS em parceria com o Instituto de Geociências

Textos de Álvaro Luiz Heidrich, Aline Carlise Slodkowski, Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Junior, Francisca Dias, Nola Patrícia Gamalho e Wagner Innocencio Cardoso; fotografias de Wagner Innocencio Cardoso.

1. Geografia cultural – Rio Grande do Sul. 2. Maçambique - UFRGS - Exposição. I. Heidrich, Álvaro Luiz. II. Museu da UFRGS.

CDU 398(816.5)(063)  
299.6(063)

---

Catálogo-na-publicação: Biblioteca Central/UFRGS

Série Catálogos das Exposições - 3

---

## Maçambique de Osório

O Museu da UFRGS, de caráter multidisciplinar, tem a proposta de pesquisar, difundir e valorizar o patrimônio cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em sentido amplo, esse patrimônio cultural compreende também o repertório intelectual/cultural produzido na Universidade ou por ela tematizado. Sendo assim, o Museu da UFRGS não mantém uma exposição de longa duração com seu acervo, composto de imagens sobre a história de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul e documentos históricos da UFRGS.

O Museu, através de sua equipe técnica, compõe a curadoria das exposições realizadas com os diversos grupos de pesquisa da Universidade ou de outras instituições. Busca-se, assim, elaborar projetos de caráter interdisciplinar, resultando em narrativas museológicas construídas com diferentes áreas do saber, aliando conhecimento, prazer e fruição.

Este livro/catálogo foi organizado pela equipe do Museu em parceria com o Prof. Álvaro Luiz Heidrich, professor da disciplina de Geografia Cultural, proponente da exposição Maçambique de Osório. Wagner Innocencio Cardoso, autor das fotos que o compõem, e Carlos Eduardo Galon, responsável pela identidade visual e projeto gráfico, contribuíram de forma intensa e criativa.

Além de reproduzir a exposição, o catálogo amplia e aprofunda o conteúdo com o cuidado de constituir-se em uma ferramenta didática de divulgação científica.

Direção e Equipe  
Museu da UFRGS

## Maçambique de Osório

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul é uma das grandes universidades brasileiras. Instituição pública dedicada à democratização do conhecimento e a serviço da sociedade tem compromisso com a consciência crítica e o respeito às diferenças. Através da integração das atividades de ensino, extensão e pesquisa alcançou o reconhecimento nacional e internacional de sua elevada qualidade acadêmica em todos os níveis e em suas dimensões culturais, filosóficas, tecnológicas e científicas.

A parceria do Museu da UFRGS com o Instituto de Geociências da Universidade possibilitou, a partir do olhar e da prática educativa da extensão sobre a prática investigativa do ensino e da pesquisa da Geografia, a exibição da mostra itinerante Maçambique de Osório, que ocorreu primeiramente nos espaços externos do Museu em 2012.

A mesma mostra já percorreu o Campus do Vale da Universidade, no Instituto Latino Americano de Estudos Avançados – ILEA, e, no litoral norte do RS, esteve em Osório e em Tramandaí, durante o Festival Maré de Arte 2013.

No planejamento e realização deste projeto percebe-se a articulação entre as três dimensões da Universidade, demonstrando o compromisso e a excelência desta instituição tanto na formação dos seus alunos como na troca com a comunidade externa.

Esta profícua parceria é a inspiração para a realização deste catálogo. Que o leitor possa, ao manuseá-lo, mergulhar um pouco mais na cultura dos negros quilombolas e integrantes da congada gaúcha Maçambique de Osório, do litoral norte do Estado do Rio Grande do Sul.

Carlos Alexandre Netto

Reitor



## Territórios da Geografia Cultural: ensino, extensão e pesquisa

A exposição Maçambique de Osório, promovida pelo Museu da UFRGS em conjunto com o Instituto de Geociências, consiste em mais um evento que revela resultados extensivos à sociedade das atividades realizadas pelo conhecimento que desenvolvemos no campo das ciências que estudam nossa Terra, suas formações, lugares e paisagens.

A exposição demonstra nossa capacidade, interesse e priorização da articulação das atividades de ensino, pesquisa e extensão universitárias com as situações e eventos tanto ambientais como sociais. De modo distintivo, nossa experiência em pesquisa e ensino tem demonstrado o elevado valor que o trabalho de campo possibilita. Foi justamente com a atividade em campo, prática regularmente realizada na disciplina de Geografia Cultural, que pudemos não apenas ter acesso ao resultado colhido por alunos, docente e estagiários dessa disciplina, mas, em especial, à oportunidade de estimularmos a divulgação da manifestação cultural e ritual católico do Maçambique de Osório.

Desse modo, nos alegramos novamente com a possibilidade de compartilhar a divulgação deste catálogo com o Museu da UFRGS, contribuindo para um registro memorial de nossa cultura e de nossa prática científico-pedagógica.

José Carlos Frantz

Pró-Reitor de Pesquisa



## Maçambique de Osório: a memória do passo e o olhar para o futuro

Em 1500, chegaram os primeiros portugueses em terras que viriam a se chamar Brasil. Com eles, sua cultura e religiosidade católica. Em seguida, a escravidão de negros africanos também desembarcaria em terras brasileiras, trazendo saberes, danças e religiões de povos daquele continente. Foram, certamente, tempos difíceis para os negros nesse novo mundo.

A liturgia católica celebra o sacrifício e salvação de Cristo, alguém que veio expiar os pecados do mundo, que sofreu intensamente por erros que não lhe pertenciam. Os negros, arrancados de seu ambiente natural e cultural, entregues à sorte entre outros negros de culturas tão diferentes entre si e sob repressão de um povo que se julgava superior, tiveram que se adaptar para garantir a sobrevivência, também sofrendo por erros que não eram seus. Nesse novo espaço, e com esses elementos, a prática cultural das comunidades quilombolas sintetizou e sincretizou ambas as culturas em um novo ritual. Através das tradições católicas, a coroação dos reis afrodescendentes no período colonial deu origem aos maçambiques, quicumbis e ensaios de promessa, espécies de missas misturadas a práticas oriundas da cultura africana.

A exposição *Maçambique de Osório*, realizada pelo Museu da UFRGS em parceria com o Instituto de Geociências, vem resgatar um pouco dessa história, que se mantém em movimento, e que lembra um passado ainda pungente. Nos mostra as formas de resiliência de um povo forte e criativo, que precisou criar espaços para que pudesse se manifestar de forma festiva e original, expiando suas dores e sobrevivendo no litoral norte do Rio Grande do Sul. Nada foi gratuito e tudo é um grande aprendizado. Aprecie esta publicação mantendo a memória do passo e o olhar apontado para o futuro.

Sandra de Deus  
Pró-Reitora de Extensão



## Maçambique de Osório no Museu da UFRGS: respeito à Memória e à diversidade cultural

*(...) um caminho para os museus enfrentarem os desafios da vida contemporânea consiste no estabelecimento de novas relações com os públicos, na perspectiva de construção de uma cidadania consciente. Grinspum e Araujo (2001)*

O Museu da UFRGS, por meio de sua Unidade Sócio-educativo-cultural, vem desenvolvendo uma série de propostas educativas. Dentre elas está a de funcionar como um laboratório de estudo, pesquisa e campo de ação para os alunos da Universidade nos seus diferentes cursos e áreas do conhecimento. Ademais, são desenvolvidos projetos que dão conta do Museu como espaço de acolhimento de variadas demandas sociais. Buscamos, portanto, através da realização de diversas ações com diferentes parcerias, investir mais fortemente na relação com a comunidade interna e no estreitamento ainda maior de laços com a sociedade em geral, visando, inclusive, à sua participação ativa nos projetos. Nesse sentido, uma de nossas metas é a de aperfeiçoar, cada vez mais, nossa contribuição com a democratização da universidade e da cultura, apostando na diversidade e na pluralidade, demarcando nossa característica de museu universitário.

Nesta caminhada, adotamos a noção conceitual de que a cultura é sempre atributo de determinado grupo e reúne sistemas simbólicos que podem ser traduzidos por arte, religião, língua, ciência e os próprios hábitos e costumes vigentes em um espaço e tempo determinados. Esses sistemas simbólicos, também, são representados através de vestígios, daquilo que chamamos cultura material e imaterial e, ainda, das reminiscências, das lembranças – da Memória.

Outro pressuposto que adotamos é o de que a Memória, no sentido de grupo, é a marca ou sinal de sua cultura e possui algumas evidências bastante concretas. Essas evidências carregam finalidades de existência. A primeira e mais penetrante dessas finalidades é a da própria Identidade. Essa Identidade - da



Fotos: André Sena e Wagner Innocencio Cardoso



Roda de Conversa promovida pelo Museu da UFRGS no XIII Salão de Extensão.

Participantes: Prof. Álvaro Luiz Heidrich, geógrafo; Prof. Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Junior, antropólogo; Profa. Luciana Prass, etnomusicóloga; Francisca Dias, Coordenadora do Grupo Maçambique de Osório; estudantes e estagiários da Disciplina de Geografia Cultural em 2011; Equipe Museu da UFRGS e público em geral.

Francisca Dias, após depoimento emocionado, recebeu uma caixa com fotos produzidas por Wagner Innocencio Cardoso durante o trabalho de campo de Geografia Cultural. Outubro de 2012



UFRGS como coletivo, dos grupos que a compõem ou ainda outros grupos da comunidade externa que se relacionam ou não com esta instituição - pode ser trabalhada como objeto da pesquisa e também como símbolo e motivação para a inserção sociocultural.

Ao museu contemporâneo cabe a tarefa de potencializar a interação entre a sociedade e os signos representativos de identidades culturais. A valorização dos signos, através da musealização, contribui para o fortalecimento das identidades e para a inclusão social. Tendo como base os parâmetros norteadores de toda e qualquer ação museológica – a investigação, a preservação e a comunicação - a direção e a equipe deste museu universitário se comprometem em realizar um trabalho que esteja a serviço da sociedade. Para tanto, é preciso estimular a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão com espírito crítico e respeito à diferença. É nisso que reside nosso principal objetivo.

Com essa perspectiva, o Museu da UFRGS, em parceria com o Instituto de Geociências, realizou em 2012 a exposição itinerante Maçambique de Osório. Sua concepção, produção e circulação envolveram o somatório de esforços coletivos, em que a articulação entre a extensão, a pesquisa e o ensino foram (e permanecem sendo) o fio condutor.

A proposta da exposição partiu do Prof. Álvaro Heidrich, professor da disciplina de Geografia Cultural que, juntamente com seus alunos de graduação e pós-graduação, tematizou o Maçambique de Osório como assunto gerador. Pautada pelas relações entre espaço e cultura, essa disciplina instrumentaliza e proporciona ao estudante a efetivação de um trabalho de campo em que práticas de pesquisa e extensão são intrínsecas ao plano de ensino.

Da mesma forma, a equipe do Museu da UFRGS, ao aceitar o desafio de produzir esta exposição e seus desdobramentos, manteve esse propósito e sua característica coletiva. Nesse sentido, foi realizada uma roda de conversa com a participação de professores, pesquisadores, estudantes da Universidade e representantes do grupo Maçambique de Osório. Essa experiência foi gratificante, demonstrando as muitas possibilidades de interação entre saberes, alicerçada na simetria e no respeito à diversidade.

Sendo assim, este grupo de maçambiqueiros é, a um só turno, objeto e sujeito produtor de cultura, de ações que a problematizem e registrem, assumindo sua identidade afro-católica, negra e quilombola de



forma ativa e consciente. Nesse processo extremamente rico, ambos se transformam: a Universidade e o Maçambique de Osório. Parte do percurso, captado pela lente sensível do fotógrafo-geógrafo Wagner, pode ser compartilhada por esta exposição e por este catálogo. Aproveite!

Direção e Equipe  
Museu da UFRGS

## Maçambique em Osório: visão da manifestação e do lugar

As imagens e textos deste catálogo originaram-se de uma atividade de trabalho de campo da disciplina de Geografia Cultural, realizada em outubro de 2011 junto à Festa de Nossa Senhora do Rosário, uma celebração que mescla devoção católica e prática ritual de matriz africana pelo grupo de Maçambique. O campo, termo usual para nos referirmos a trabalho de campo, vivência de campo ou observação de campo é o que nos proporcionou esse encontro. Campo é por seu sentido próprio, uma extensão. Estar em campo ou a campo implica envolver-se, captar o que há no espaço, na sua manifestação. Nesse caso, nossa vivência proporciona um rico encontro: de estudantes com a manifestação da cultura, do registro da cultura em seu lugar, da busca do entendimento da manifestação e do lugar. Por isso reunimos neste catálogo o conhecimento advindo da pesquisa sobre o grupo de maçambiqueiros, contextualização e registros de observação de campo que legendam as belíssimas imagens capturadas por Wagner Innocencio Cardoso, fotógrafo e geógrafo, que naquela oportunidade cursava a disciplina de Geografia Cultural do Curso de Geografia da UFRGS.

O trabalho de campo é a prática mais tradicional das disciplinas que necessitam coletar fatos, informações, objetos e memórias junto às diferentes geografias, para serem estudados. Ir a campo é o que garante a possibilidade de estabelecer as relações entrelaçadas dos lugares. No lugar tudo se junta, mesmo que se apresente dividido ou profundamente diferenciado, o que está nele produz a relação. Ter estado em trabalho de campo na ocasião da Festa de Nossa Senhora do Rosário e na Festa do Maçambique permitiu vivenciar essas relações, recompondo o contexto das diversas formas constitutivas de expressão cultural afro-católica no âmbito do catolicismo popular. Sem isso, não seria possível compreender e apreender a origem, a constituição dessa manifestação de forma plena.

A Geografia Cultural é uma importante orientação dos estudos sobre paisagens, territórios e lugares. Com seu enfoque sobre as relações entre cultura e espaço buscamos compreender as manifestações em seu



contexto geográfico. Disso se extrai uma importante implicação, pois os lugares de hoje não são os mesmos que permitiram compreender no passado as separações geográficas e seus autênticos encaixes culturais. Assim, mais do que a visão do mundo como um mosaico de paisagens culturais, hoje se faz grande esforço, como expressa bem Paul Claval (2002), para sabermos mais da experiência do homem no meio e na sociedade, os significados produzidos e o sentido dado a suas vidas.

O trabalho de campo na disciplina de Geografia Cultural consiste em realização de prática de observação, experimentação de metodologia de pesquisa com abordagem cultural e busca de saberes das práticas e manifestações. Durante sua realização busca-se compreender a origem, seu desenrolar e enlaces territoriais e paisagísticos. Como uma prática de pesquisa, com o trabalho de campo pode-se dar início o desvelar de compreensões arraigadas e protegidas por ideologias. As observações incitam perguntar: por

que aquilo que se encontra está ali? Especialmente quando as ocorrências forem aparentemente estranhas ao que é visto como normal ou comum. Ter estado na Festa de Nossa Senhora do Rosário permitiu-nos realizar, além da observação das práticas culturais, indagar a seus frequentadores sobre suas próprias vivências, reconhecimentos, críticas, revelações acerca da festa, desde turistas, convidados, membros da comunidade negra, branca, religiosos, comerciantes e outros, autorizando-nos a constituir compreensão de uma geografia – que dá ênfase nas relações em torno daquela manifestação. Com um pouco desse sentido, a vivência dos alunos em campo é retratada por alguns dizeres extraídos dos relatos de campo.

Explorar os mananciais da nossa cultura, registrar sua diversidade é o compromisso mais autêntico do geógrafo da cultura. Reconhecer a possibilidade do entrelace de compreensões, demonstrar que não estamos tratando de contextos puros e isolados é um importante princípio da observação do que se oferece a nossa vista. Outro aspecto se mostra crucial na busca de compreensão da espacialidade cultural: ela pode se revelar em nuances vivas e materiais, em objetos fabricados, construções, práticas sociais, como cantigas, danças ou culinária, mas também pode estar apenas nas ideias, nas falas que identificam pessoas a lugares, assim como atitudes e hábitos a bens patrimoniais.

Assim é o fato de que nossa cultura é normalmente lembrada pela herança que trazemos das práticas campeiras, trazidas pelo esforço de domínio territorial das fronteiras, criação de gado e da economia que daí derivou, e também pela herança trazida da ocupação desse espaço por etnias europeias. O que se compreende do legado afrodescendente e indígena enriquece tudo isso, muito embora ainda não seja lembrado com a mesma força do conagraçamento prático que proporcionaram para a construção do nosso território.

Durante a festa o grupo Maçambique de Osório ocupa o centro da cidade, com seus passos e cantos, suas crenças e símbolos. Nesse espaço-tempo – a festa no centro da cidade – manifestam-se referências que o fazem, território de sua fé, território do Maçambique, dos quilombolas. Os cantos e personagens exaltam outro espaço e tempo, o de seus antepassados escravizados.

O grupo constitui-se no embate entre permanências e rupturas, em espaços e tempos onde tradição e resistência revelam interfaces entre geografias contemporâneas e de um passado escravista. As suas

*Osório é município do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, lugar de conexão de duas importantes rodovias: BR 290, que liga Osório à capital do estado, Porto Alegre, e BR 101, conectando o Rio Grande do Sul ao restante do país. Sua origem remete aos primórdios da colonização do então Rio Grande de São Pedro, quando no início do século XIX foi criado o município de Santo Antônio da Patrulha, do qual fazia parte a freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio. Em 1857, Conceição do Arroio foi emancipada, elevando-se a categoria de Vila e, em 1934 seu nome foi substituído por Osório, em homenagem ao Marechal Manoel Luiz Osório.*



manifestações reforçam os laços de sociabilidade. Em seu território estão investidas as marcas que evocam relações ancoradas com seus antepassados contrapondo-se a um espaço presente diverso, onde materializa sua cultura e experiências na perspectiva de romper com o estigma e a invisibilidade conferida à cultura negra. Um desses momentos de ruptura e enaltecimento da cultura local realiza-se durante a festa. No ciclo sagrado e festivo da Festa do Rosário, os quilombolas reúnem-se vindos, primordialmente, do Quilombo de Morro Alto, desde o período colonial e imperial, cujos descendentes negros (afro-brasileiros), ainda hoje, resistem e persistem irmanados pelo Maçambique, deslocando-se de vários municípios do Litoral Norte, mobilizados pela sua devoção, sobretudo das áreas localizadas no quilombo e adjacências, como em Maquiné, Osório, Terra de Areia, Capão da Canoa e Tramandaí.

A presença de escravos no Rio Grande do Sul ocorreu com o despertar do interesse colonial na região, em virtude da importância econômica das vacarias, primeiramente de forma predatória com a



**Percurso Porto Alegre – Osório: 102 km**

*Osório se localiza próximo a diversos balneários e à rede de comunicação lacustre entre inúmeras lagoas e, já conta, com importante atividade turística. O contato do planalto com a planície do litoral confere a Osório uma marca de paisagem. É lugar de vento, comum nesse litoral que recebe com regularidade os alísios de nordeste, reforçado pelo acondicionamento que faz a borda do planalto. Já se firmou a alcunha de “terra dos bons ventos”, denominação que se associa a dois aspectos principais: a prática de esportes de voo livre e o aproveitamento da energia eólica. É região de arrozais e criação de gado, de pequenos estabelecimentos rurais, que entre sua atividade policultora se destaca o cultivo de cana-de-açúcar, e por isso, a fabricação do açúcar, doces e aguardente. Essa orientação da atividade econômica é creditada aos povoadores açorianos da região. É também um importante centro regional do Litoral Norte “gaúcho”.*

comercialização do couro e, depois, na implantação das charqueadas que contribuíram com a fixação de populações e na importância estratégica de ocupar o território entre o Rio da Prata e a Laguna dos Patos. Assim, próximo à terceira década do século XVIII, foi iniciada a distribuição de sesmarias, garantindo, a posse do gado e da terra à colônia portuguesa.

Os africanos escravizados vieram para as minas, as charqueadas, as plantações de cana-de-açúcar, as cidades, as guerras, etc. Nossa história, do Brasil e do Rio Grande do Sul, é indissociável da escravidão. Foram diversos grupos étnicos, com culturas, crenças, organizações sociais diferentes e, que resistiram, acrescentando importantes elementos à cultura brasileira. A herança cultural desses povos é importante

---

<sup>1</sup> Cf. Pesavento, 1992.



## O Maçambique de Osório conduz a fé afro-católica com as alegrias, as batidas dos tambores e o balanço das maçaquaias nos espaços e tempos socioculturais e territórios negros moderno-contemporâneos gaúchos

Os negros quilombolas e integrantes da congada gaúcha Maçambique de Osório, em nome das diversas formas de expressão da devoção sagrada por Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, constituem-se pelos espaços geográficos, tempos e espaços socioculturais em Osório; nos territórios negros contemporâneos, a sua principal manifestação religiosa e cultural. Os soldados do Rosário, os dançantes de maçambique seguem secularmente rufando seus tambores, cantando e dançando com muita alegria e fé, sacralizando, assim, os espaços profanos e cotidianos das terras gaúchas, notadamente do Litoral Norte do Estado.

Eles seguem conduzindo e levando adiante o maçambique, pelas diversas ruas e múltiplos espaços, estes plenos de signos e símbolos de resistência da cultura e identidade negra, “Ó que rua tão cumprida, toda cheia de pedrinha, tenho medo de cair, lá, Viva o Rosário de Maria!”. Visitam as casas dos devotos cheios de esperanças, em qualquer dia, mês e ano, com a Nossa Senhora do Rosário, que se faz presente e se personifica na Bandeira da Nossa Senhora.

Assim, aproximam-se dos espaços privados ou públicos associados afetiva e solidariamente ao pagador da promessa feita à Santa, quando o grupo Maçambique de Osório, a fim de realizar o cumprimento do pagamento da promessa, chegam a pé, batendo os tambores de maçambique, cantando e dançando alegremente com a roupa branca e sagrada, com as listras em vermelho ou azul sobrepostas nas calças, aventais e gorros, conforme os dançantes da vara e os da Rainha Ginga e do Rei de Congo, respectivamente.

A cada ano, em cada Festa do Rosário, a potência do efêmero império da Rainha Ginga evoca a força guerreira, ancestral e estruturante de Nzinga Mbandi, heroína em terras angolanas contra o opressor



português, no século XIX, protegendo e expandindo as terras dos reinos africanos de Ndongo e de Matamba.

Os espaços, por onde comparece o Maçambique de Osório, são verdadeiros templos sagrados itinerantes, permeados por cantos de rua, lúdicos e comunais, em uma perspectiva rizomática. O grupo vai ramificando e multiplicando a devoção católica de matriz africana, adentrando ou circulando nos salões, nos campos, nas Igrejas, praças e diversos lugares, por meio de uma temporalidade plena de uma alegria efervescente, em um clima de festa e de comensalidade regada com os alimentos e refrigerantes consagrados à Santa.

A mediação religiosa e cultural entre os homens, crianças, mulheres, antigos macambiqueiros e as entidades espirituais. A Nossa Senhora do Rosário é considerada a principal, e São Benedito - que é um



santinho preto que, quando fica brabo, ronca no peito -, são considerados padroeiros dos negros e demais devotos, caracterizando-se como um fenômeno social total.

O maçambique é um ritual afro-católico, cujas características performáticas de matriz africana são, historicamente transmitidas pelos africanos, em geral de origem banto, e de seus descendentes em terras brasileiras. Ao longo dos anos, os rituais do maçambique vêm sendo reinventados, em termos culturais, assim como seus signos, símbolos, visão de mundo, costumes, saberes, fazeres e valores, sobretudo pelos negros do quilombo de Morro Alto, em Máquiné, e daqueles que seguiram uma diáspora regional, migrando para o contexto urbano de Osório. Desta forma, vão afirmando os vários lugares de memória maçambiqueira e de uma geografia do sagrado no Litoral Norte ou onde quer que seja solicitada a presença espiritual da Santa e da congada, assegurando o que poeticamente definiu o poeta negro Oliveira Silveira:



Conceição do Arroio, que fui eu aqui?

- Maçambique, quicumbi

Que fui eu neste Litoral?

- Estância, canavial.

- Mas que fui eu lado de cá das ondas?

- Rainha Jinga, rei de Congo

(sem ter que passar a nado  
para o outro lado.)

Cumprindo, a cada ano, a obrigação do primeiro negro festeiro, libertado por Nossa Senhora do Rosário dos suplícios sofridos durante o período do cativo, ao receber de um mensageiro o comunicado de que fora convidado para realizar a primeira Festa do Rosário para a Santa. Atualmente, a festa dos maçambiqueiros ocorre na primeira semana de outubro, no mês consagrado ao Rosário pela Igreja Católica. São quatro dias de muita alegria e de devoção intensa com a realização de levantamento e arriamento do mastro sagrado, tríduos e missa principal, de almoços, espetáculos musicais, teatrais, danças, leilões e, principalmente, pagamentos de promessas.

O grupo Maçambique de Osório segue reafirmando a fé e a cultura negra com suas danças, tambores e cânticos, protegidos pelos Capitães de Espada, que oferecem segurança, cruzando suas espadas ao alto, protegendo a todos; com as aberturas dos pórticos de entradas e as saídas de variados ambientes sociais e sagrados, dos entre-lugares e das encruzilhadas e, ao mesmo tempo, abrindo os espaços e caminhos espirituais na vida de todos os seguidores da Nossa Senhora do Rosário.

Seguem sempre adiante os maçambiqueiros, cada qual com seu gingado pessoal e singular, cujas atitudes sacrificiais com os pés descalços, dançam e cantam excessivamente, invocando e exaltando antigos espíritos guerreiros africanos e heróis negros afro-brasileiros, mas sobretudo almejando paz e amor na terra para toda a humanidade, em súplica feita à Nossa Senhora do Rosário, protagonizada pelo chefe do tambor de maçambique, tamboreiros e dançantes.

O início de tudo deriva da Santa, a mãe primeira e genitora espiritual, promotora da vida saudável, bem como das mulheres maçambiqueiras (esposas, irmãs, alferes da Bandeira, Rainhas Gingas e outras), uma vez que são elas que oferecem seus filhos a Nossa Senhora do Rosário, em razão da fé e da garantia de um



bom parto, quando nasce um futuro dançante do Maçambique. O grupo, terno ou congada de maçambique, constitui uma Irmandade mediada pelos vitalícios Reis do Maçambique, Rainha Ginga Severina Maria Dias e Rei de Congo Sebastião Antônio, que asseguram a união entre o passado e presente, garantindo no futuro a permanência dessa cultura e seus respectivos rituais, herdados dos africanos e negros brasileiros. Fundam territórios negros, múltiplas diásporas em constante diálogo com a história africana, com a sociedade e cultura brasileira, de modo a afirmar os valores civilizatórios de matriz afro-brasileira. “O Maçambique não se cala! , na batida do tambor e do machacá!”

Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Junior

Antropólogo

## O Maçambique nasceu no território mítico e social quilombola, sendo afirmado por Santas, Rainhas e mães maçambiqueiras

*“[...] O meu pai era maçambiqueiro e, todo mês de dezembro, ele saía para a Festa do Rosário, e demorava muito para voltar. Eu, que era criança, não entendia por que de tanta demora, para voltar para casa. Eu perguntava para a mãe: onde está meu pai? Ela respondia com brigas, e eu ficava em silêncio. A Festa da Nossa Senhora do Rosário durava nove dias, em Osório. O pai chegava, eu ficava muito feliz. Eu olhava aquela roupa branca (roupa branca em homenagem a “Santa” - Nossa Senhora do Rosário) e não entendia nada. Quando tinha dez anos, foi a minha primeira Festa do Rosário, então eu descobri porque esta demora do meu pai. Saímos de Morro Alto (Quilombo de Morro Alto, Litoral Norte, RS) para a festa em Osório. Na casa da Rainha Tia Maria Tereza (célebre Rainha Ginga Maria Tereza), nós, as crianças, ficávamos na frente de sua cadeira de balanço, quando ela nos contava várias histórias e a que mais marcou foi a do negro escravo, que tinha que fazer uma festa senão ele ia morrer. Nós ficávamos sentados, sem fazer perguntas, em silêncio. Um dia, de manhã, eu escutei um barulho*

*e saí correndo para frente da casa da Tia Maria Tereza. Eram os maçambiqueiros chegando. A tia foi para o portão e pegou a bandeira (Bandeira da Nossa Senhora do Rosário). Depois, todos entraram com ela. Uma pessoa chegou e disse para as crianças irem para a rua. Eu fiquei espiando, no canto da parede, porque estava ali meu pai vestindo aquela roupa branca e descalço, pulando pra lá e para cá. Não tinha sentido para mim. Na mesa, tinha muitos doces e bolos. Eles sentaram, comeram e conversaram muito, mas, de repente, uma voz: “‘Sibirina’ (atual Rainha Ginga do Maçambique, Severina Maria Dias), onde tá a pretinha?” Eu saí correndo, e me atirei nos braços maravilhosos do meu pai. Era tudo que eu queria. A Tia Maria Tereza (Rainha Ginga antiga) chamou: “Sibirina!”. Então, a mãe colocou a Coroa na cabeça da tia e, depois, saíram, quando a mãe me chamou: “Vem!”. Eu fiquei com elas, e fomos para salão do Clube de Negros José do Patrocínio, localizado no centro de Osório. Eles [maçambiqueiros] foram cantando pelo caminho. Mas, os anos se passaram e eu sempre estava, ali,*





*com o grupo, participando de muitas festas; muitas promessas e alegrias, mas também de muitas perdas. Só assim fiquei conhecendo a minha cultura, por meio das estórias que a Tia Maria Tereza contava sobre o Maçambique. Hoje, sou mãe maçambiqueira, sou devota de Nossa Senhora do Rosário e tenho três filhos. Todos eles são “Filhos do Rosário”. E, para maior alegria da minha vida, já sou avó maçambiqueira. Meu filho Jonatan, com sete anos, já me falava “um dia, eu vou ser Chefe do Maçambique”. Hoje, ele já está com vinte anos de vida e já conta com dois anos de atividades como tamboreiro do Grupo Maçambique, tocando o tambor de maçambique, ao lado do Chefe do Grupo.”*

Narrativa de Francisca Dias (Preta) – filha da atual Rainha Ginga, Severina Maria Dias; mãe de três filhos, todos dançantes de Maçambique, e avó de neta maçambiqueira. Atualmente ocupa o cargo de Coordenadora do Grupo de Maçambique, sendo uma das virtuais sucessoras da Rainha Ginga.

Osório, junho de 2013.

Francisca Dias

Coordenadora do Grupo Maçambique de Osório



Exposição itinerante Maçambique de Osório na Festa da Nossa Senhora do Rosário (Festa de Maçambique) Osório, 2012











## Sobre as imagens do Maçambique de Osório

Cursar Geografia na UFRGS foi e é uma grande oportunidade de aprendizagem. Quando completei 50 anos, aceitei o desafio que eu mesmo me propus: prestar o vestibular e tentar uma vaga em um curso onde eu pudesse crescer profissionalmente e que me permitisse unir minha paixão pela fotografia com a curiosidade permanente pelas coisas da Geografia. Conseguir fazer uma leitura geográfica das paisagens certamente enriqueceria minha fotografia e isso foi uma das metas que busquei durante a graduação. Dezenas de leituras, muitas idas a campo, incontáveis debates com professores e colegas fizeram parte da minha vida universitária ao longo dos últimos anos. Mas, no final de 2011, cursando a disciplina de Geografia Cultural, pude experimentar, com total liberdade e consciência, um campo que mudou meu modo de pensar minhas remotas origens africanas e fotografar com um renovado olhar. Neto de negros, mulatos e brancos, convivi na minha infância e adolescência com uma esmagadora maioria não negra. Amigos, primos e vizinhos eram um caleidoscópio étnico onde os negros não estavam presentes. E assim eu cresci. Quando cheguei a USP, no final dos anos 70, era considerado o mulato da turma de calouros da Geologia, um grupo formado por jovens brancos e estudiosos. Os negros que encontrava pelo campus vinham da distante Nigéria por algum acordo de cooperação. Eles falavam um inglês carregado de sotaque e expressões que repercutiam nos meus ouvidos e me faziam sentir a África um continente muito mais distante da minha realidade paulistana. O tempo passou. Porto Alegre foi o meu lugar escolhido para viver e a Geografia, minha opção de retomada aos estudos superiores. Vejo, nos últimos anos, que a luta do povo negro tem conseguido grandes resultados nas universidades. Com o estabelecimento das políticas afirmativas na universidade, uma expressiva quantidade de alunos afrodescendentes têm chegado às faculdades onde antes um aluno negro era uma raridade.

Esse relato tenta trazer um pouco do que vivi nos últimos tempos na Geografia da UFRGS e, em especial, o que pude experimentar vivenciando o Maçambique de Osório na saída de campo do professor Álvaro. Durante as aulas que precederam o campo, pudemos saber um pouco do que encontraríamos na Festa de Nossa Senhora do Rosário. Viajamos com a expectativa de sempre, pois, por mais que estudemos



*Maçambique de Osório, exposição itinerante inaugurada nos espaços externos do Museu da UFRGS em 02 de outubro de 2012.*



previamente, um campo é, invariavelmente, lugar de surpresas e descobertas. Logo que chegamos a Osório, fomos encontrar a comunidade negra dos Maçambiqueiros em suas casas, residências simples na periferia da cidade, mas habitadas por pessoas extremamente generosas e hospitaleiras. Nesse primeiro contato já me senti fazendo parte do grupo, pessoas da comunidade que me receberam como um irmão. Conversamos como velhos conhecidos e, a partir daí, não parei de fotografar. Tentei captar aquela cultura, de origens tão católicas quanto africanas, que surgia aos meus olhos como se sempre tivesse feito parte da minha vida. As lideranças do grupo e seus componentes permitiram-me registrar todos os momentos do Maçambique sem restrições. Pude me sentir um Maçambiqueiro com a possibilidade de fixar essa experiência através das minhas fotos. Cada retrato que fiz me mostrou um pouco dessa paisagem humana que se revela em um



Foto: André Sena

olhar, em uma expressão de fé, em um sorriso de satisfação, na alegria das crianças e na sabedoria dos mais velhos. Minhas fotos são resultado de um olhar de quem quer compreender sob o ponto de vista das Geografias que estudamos e, simultaneamente, resultado de um olhar de alguém que se redescobre à luz de uma cultura forte, negra e cristã. Nesse trabalho de campo, tudo foi muito proveitoso e a aprendizagem incomensurável. Espero que minhas fotos revelem, aos outros olhares, a força e a beleza secular da cultura negra contida no Maçambique de Osório e intimamente ligada àquele lugar.

Wagner Innocencio Cardoso

Geógrafo e Fotógrafo



Pedreira que ocupou importante território do Quilombo de Morro Alto, em Osório.





*"Maçambiqueiros e não maçambiqueiros compartilhavam do mesmo espaço sagrado, cultuando a mesma divindade, mas as diferenças percebidas nas representações de cada grupo davam a impressão de que ocorriam duas festas [...]"*

Observação de Campo de Lucas e Maximiliano









*“Os maçambiqueiros, como são chamados os devotos, têm uma ligação muito forte com a Santa, o que se percebe na forma como falam dela. Contam que no nascimento dos filhos, esses são oferecidos à Santa, que passa a ser sua “primeira mãe”, que será sua protetora por toda a vida.*

*Durante a realização da missa os dançadores se postam perfilados no corredor central da igreja, o Rei Congo e a Rainha Ginga ficam sentados bem na frente, perto do altar.”*

Observação de Campo de Arlício e Loreni









*“A entrada do grupo na Igreja, após a procissão, é feita sob o cruzamento de espadas, ao som das músicas do Maçambique. No interior da Igreja, os dançantes colocam-se em fila no corredor central e sentam-se na ponta dos bancos ou ficam em pé no caminho ao Altar, numa espécie de vigília ao culto.*

*Há claramente uma espécie de sacralização das ruas através dos cantos e das batidas de tambores. Mesmo que isso possa parecer contraditório, tendo em vista a idéia que o barulho em muitas sociedades ocidentais esteja relacionado ao profano e o silencio ao sagrado, no caso do ritual de Maçambique, o barulho sagrado dos tambores tem papel sacralizador.”*

Observação de Campo de Ginter e Wagner





*"O ato de festejar, ou ritual, é uma performance de danças e cantos, traduzidas pelo grupo com rezas e pedidos, realizada por um grupo formado pelo Rei Congo e pela Rainha Ginga, pela alferes da bandeira, pajens (responsáveis por cuidados ao rei e a rainha), chefe de dança, capitães da espada (organizam o alinhamento e a postura dos dançantes), tamboreiros (responsáveis por puxarem os cantos) e dançantes. Os dançantes são divididos em dois grupos caracterizados de branco, da cor vermelha representando a rainha e azul representando o rei."*

Observação de Campo de André e Thomas





*"A representação da bandeira é muito importante, visto que ela sacraliza os ambientes e representa a Santa durante todo o ano, principalmente em festejos e pagamento de promessas dos fiéis."*

Observação de Campo de Ianni e Pedro





*"Mais do que uma celebração a Nossa Senhora do Rosário a festa representa um ato de reprodução da vida, por meio da fé, da devoção, do culto à Santa.[...]*

*Os signos se amalgamam juntando espadas, tambor, bíblia, cálice; em reverência à Santa do Rosário.*

*Espadas cruzadas à porta de entrada do templo católico, assim como do salão paroquial, abrem passagem segura e protetora; a batida do tambor e a maçaquaia retomam os antepassados, a bandeira do Rosário aproxima os fiéis da Santa."*

Observação de Campo de Danieli e Éder





*"O maçambiqueiro tem comportamentos distintos na igreja e no salão, onde parecem estar mais livres."*

Observação de Campo de Douglas e Lizandra





*"[...] com sua identidade fortalecida por estes sentimentos o Maçambique de Osório contribui para consolidar afirmativamente os valores de identidade e da cultura afro-brasileira [...]"*

Observação de Campo de Lucas e Maximiliano





*"O deslocamento a pé, representa devoção e sacrifício (principalmente da varas do rei Congo e da rainha Ginga que dançam com os pés descalços), demarcando territorial e simbolicamente o espaço do Grupo Maçambiqueiro. Sob a batida do tambor, os dançantes cantam e dançam, batendo seus pés fortemente no chão, como querendo promover o enraizamento da cultura. [...] a cultura maçambiqueira vai se reproduzindo, de geração em geração, através das promessas, das festas, da devoção, da performance e dos novos e pequeníssimos filhos do Rosário (dançantes oferecidos pelas mães à Santa), os quais aprenderam todas as coreografias e cantos participando, praticando, assim como em inúmeras outras comunidades tradicionais, ocorrendo assim a reprodução cultural."*

Observação de Campo de Danieli e Éder



## Referências Bibliográficas

- BARCELOS, Daisy Macedo de; CHAGAS, Miriam de Fátima; FERNANDES, Mariana Balen. (et. al.). Comunidade negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Cultural Palmares, 2004.
- CLAVAL, Paul. "A volta do Cultural na Geografia", In: Mercator. Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, ano 1, nº 1, 2002, p. 2-11.
- GRINSPUM, DENISE; ARAUJO, MARCELO. Introdução. In: MUSEUMS & Galleries Commission. Educação em Museus. São Paulo: EDUSP; Vitae, 2001.
- MAESTRI, Mario. O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História de Rio Grande do Sul. 6 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- SILVEIRA, Oliveira Ferreira da. Pelo Escuro: poemas afro-gaúchos. Porto Alegre: Edição do Autor, 1977.
- \_\_\_\_\_. Obra Reunida - Oliveira Silveira. (Org.) AUGUSTO, Ronald. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, Corag, 2012.

### Obras consultadas:

- BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. Maçambique de Osório – entre a devoção e o espetáculo: não se cala na batida do tambor e da maçaquaia. 2006. 449 f. Tese de doutorado (Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2006.
- PRASS, Luciana. Maçambiques, Quicumbis e Ensaios de Promessa: musicalidades quilombolas no sul do Brasil. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

## Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor e Pró-reitor de Coordenação Acadêmica: Rui Vicente Oppermann

Pró-reitor de Pesquisa: José Carlos Frantz

Vice-pró-reitor de Pesquisa: Bruno Cassel Neto

Pró-reitora de Extensão: Sandra de Deus

Vice-pró-reitora de Extensão: Claudia Porcellis Aristimunha

Secretário de Comunicação Social: Ricardo Schneiders da Silva

Vice-secretária de Comunicação Social: Édina Rocha

Diretor do Instituto de Geociências: André Sampaio Mexias

Vice-diretor do Instituto de Geociências: Nelson Luiz Sambaqui Gruber

Diretor do Instituto Latino-americano de Estudos Avançados - ILEA: José Vicente Tavares dos Santos

Diretora da Gráfica da UFRGS: Jussara Smidt Porto

Diretora do Museu da UFRGS: Claudia Porcellis Aristimunha

Curadoria da Exposição:

Equipe Museu da UFRGS

Álvaro Luiz Heidrich

Aline Carlise Slodkowski

Nola Patrícia Gamalho

Wagner Innocencio Cardoso

Equipe Museu da UFRGS:

Berenice Machado Rolim

Carla Cassel da Silva

Cidara Loguercio Souza

Claudia Porcellis Aristimunha

José Geraldo Vieira da Costa

Lígia Ketzner Fagundes

Luciana Teixeira Costa

Maria Aparecida Pires Nunes

Maria Cristina Padilha Leitzke

Maria Cristina Pons da Silva

Milene Linden da Rocha

Projeto Educativo,

Organização e Revisão do Catálogo:

Carla Cassel da Silva

Cidara Loguercio Souza

Lígia Ketzner Fagundes

Maria Cristina Padilha Leitzke

Milene Linden da Rocha

Coordenador do Curso de Geografia: Mario Leal Lahorgue

Chefe do Departamento de Geografia: Francisco Eliseu Aquino

Chefe Substituto do Departamento de Geografia: Ulisses Franz Bremer

Professor da disciplina de Geografia Cultural: Álvaro Luiz Heidrich

Bolsistas de Pós-graduação na Disciplina de Geografia Cultural:

Aline Carlise Slodkowski

Nola Patrícia Gamalho

Alunos Participantes do Trabalho de Campo da Disciplina de Geografia Cultural:

André Barreto de Sena

Arlício Figueiredo Nunes

Daniele Machado Vieira

Douglas Cassiano Brazeiro do Nascimento

Éder Luís da Silva Rodrigues

Hanni Kettermann da Silveira

Günter Capelaro Teixeira

Janara Pontes Pereira

Lizandra Veja da Cunha

Loreni Margarete Anunes de Oliveira

Lucas Gottlieb Verginio

Luiza Helena Zogbi Lontra

Maximiliano Paschoaloti Messa

Pedro Toscan Pittelkow Contrassot

Thomas Nery da Silva Teixeira

Wagner Innocencio Cardoso

Grupo Maçambique de Osório:

Adriano Dias de Souza

Alex Sandro Terra Andrades

André Luís da Rosa Oliveira

Antônio Nunes de Quadros – Tamboreiro

Carlos Alberto Antônio – Tamboreiro

Carlos Eduardo Antônio dos Santos

Francisca Dias – Coord do Grupo

Faustino Antônio – Chefe do Grupo e Tamboreiro

Gabriel Faustino de Souza Antônio

Iago da Silva Antônio

Jamile da Rosa Antônio

Jeferson Eduardo Santos Dias

Jonatan Dias de Souza

José Carlos Antônio – Capitão da Espada

José Laudi Souza da Silva

Liriel da Rosa Antônio

Luís Carlos de Moraes Rodrigues

Luis Fernando Bernardes Moraes

Luís Henrique Rodrigues Netto

Maria da Conceição Dias – Alferes da Bandeira

Paulo Ricardo Antônio – Capitão da Espada

Paulo Ricardo da Rosa Oliveira

Severina Maria Francisca Dias – Rainha Ginga

Sebastião Francisco Antônio – Rei do Congo

Taylan Dias da Rosa

Vagner Francisco Padilha Antônio

Fotógrafo: Wagner Innocencio Cardoso

Realização da Exposição e do Catálogo:

PROEXT

Museu da UFRGS

Instituto de Geociências da UFRGS

Produção da Exposição e do Catálogo: Museu da UFRGS

Apoio: Instituto Latino-americano de Estudos Avançados - ILEA

Expografia, Identidade Visual e Projeto Gráfico da Exposição e do Catálogo: Carlos Eduardo Galon (Kjú)

Montagem Original da Exposição no Museu da UFRGS:

Carlos Eduardo Galon (Kjú)

Renata Ibis

Impressão do Catálogo: Gráfica da UFRGS

Textos do Catálogo:

Aline Carlise Slodkowski

Álvaro Luiz Heidrich

Francisca Dias

Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Junior

Nola Patrícia Gamalho

Wagner Innocencio Cardoso

Esta publicação foi concebida a partir da exposição itinerante *Maçambique de Osório*, inaugurada no Museu da UFRGS em 2 de outubro de 2012.



**Realização:**



**Apoio:**

